

Geovan Nobre de Araújo

Mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Atualmente Professor substituto do curso de História da Universidade Estadual do Vale do Acaraú – UVA.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar práticas urbanas em algumas obras que tratam de questões ligadas à cidade, levando em consideração a complexidade destas, não reduzindo as suas análises a esquemas simplificadores. As obras tratadas não enxergam as práticas urbanas apenas ligadas a processos econômicos e sociais, mas conseguem ver de maneira muito lúcida a complexidade dessas práticas que envolvem hábitos, costumes, comportamentos e representações, tanto individuais como coletivos.

Palavras-Chave: Práticas urbanas, espaço, cidade.

Abstract

This article aims to analyze urban practices in some works dealing with issues related to the city, taking into account the complexity of these, not reducing their analysis to simplifying schemes. Treated works not see the urban practices only linked to economic and social processes, but can see very lucid way the complexity of these practices involving habits, customs, behaviors and representations, both individual and collective.

Keywords: Urban practices, space, city.

Introdução

Nas obras tratadas aqui, alguns objetos relacionados às práticas urbanas estão fortemente presentes: tempo, espaço, organização popular, samba, fragmento, trabalhadores, cotidiano, família, pobreza, bairro, favela, periferia, trabalho e renda, entre outros, mesmo que um ou outro desses objetos não esteja fortemente presente em uma ou outra dessas obras.

Na análise das práticas urbanas é importante considerar a interligação entre muitos desses objetos referidos, dependendo da realidade que está sendo estudada e isso os autores dessas obras fizeram com muita perspicácia, sendo que suas argumentações não se vinculam às análises simplistas ou reducionistas das realidades sociais estudadas, ligadas a espaços urbanos. É importante lembrar o que diz Antônio de Pádua Santiago de Freitas:

As cidades não são mais consideradas apenas como *locus*, seja da realização da produção ou da ação social, mas também, e, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão. Não se estuda somente processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as práticas que pode definir a cultura capitalista como seu processo civilizador. Indo mais além, pode-se dizer que “Práticas Urbanas” trabalha com a cultura urbana, o que implica resgatar as tradições, os hábitos, os costumes, os comportamentos, as estruturas mentais, os discursos e as imagens de representações da cidade que incidem sobre os espaços e grupos sociais. A cultura urbana se confunde com a própria cultura capitalista. [...] As Práticas Urbanas representam também o elogio narcísico de si mesmas que se pratica através dos objetos de produção de imagens acompanhados de seus efeitos estéticos: pinturas, fotografias, cinematografias, publicidade, design, planos urbanísticos, moda.¹

Essa citação reforça a necessidade de se pensar na complexidade das práticas urbanas, que não se limitam a “processos econômicos e sociais”. A obra da arquiteta - urbanista Paola Berenstein Jacques, intitulada: “Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica”², é um exemplo de trabalho que leva em conta a complexidade das questões urbanas.

Paola Berenstein nos mostra que as favelas possuem uma estética própria, ligada a estruturas fragmentárias, sendo que a autora defende a preservação dessa estética, assumindo uma postura diferente dos arquitetos-urbanistas tradicionais. Estes, de uma maneira geral, não defendiam a espontaneidade da construção das favelas pelos seus habitantes, de modo que não consideravam a alteridade desses espaços. A autora sabe que as favelas são diferentes entre si, mas isto não a impede de ver que elas possuem uma “identidade espacial própria”, sem deixarem de fazer parte da cidade. Assim, por exemplo, o processo espaço-temporal predominante na construção das favelas é diferente da “cidade dita formal”, sendo que a temporalidade é o elemento mais marcante que contribui para essa diferenciação. Portanto, no processo espaço-temporal, o

¹ FREITAS, Antônio de Pádua Santiago de. **Práticas urbanas no processo civilizador capitalista**. 2010. p.1.

² JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

próprio espaço não é o elemento fundamental que mais pesa na diferença com relação à “cidade dita formal”, mas, sim, o elemento temporal.

Para explicar essas questões, a autora se utiliza de três “figuras conceituais”: fragmento, labirinto e rizoma. Mas, a autora sempre relaciona as suas considerações (relacionadas a esses três tipos de processos espaços-temporais das favelas: fragmentário, labiríntico e rizomático, esses três interligados) à obra de Hélio Oiticica.³

Na parte em que a autora centra as suas análises na utilização da figura conceitual “fragmento”, a ideia do abrigo está fortemente presente na sua ligação com a “temporalidade em arquitetura”. A maneira como se constroem abrigos nas favelas é bastante fragmentária. A autora observa isso no que diz respeito às favelas, de uma maneira geral, mas faz suas considerações pensando na Mangueira dos anos 1960, uma favela mítica do Rio de Janeiro, pois Hélio Oiticica teve uma relação muito forte com esta, sendo que ele a descobriu em 1964, experimentando a partir desta uma sensação de liberdade. O encantamento com esta sensação propiciada pelo contato com a Mangueira, vai marcar fortemente a obra de Hélio Oiticica, de modo que Paola Berenstein deixa clara a busca de Hélio Oiticica para fazer com que as pessoas que vissem as suas criações artísticas, não ficassem apenas observando, mas se tornassem participantes.

Na análise da estrutura fragmentária de construção dos abrigos das favelas, a autora ressalta a falta de um projeto preliminar de construção feito pelo favelado.

Os materiais recolhidos e agrupados são o ponto de partida da construção, que vai depender diretamente do acaso dos achados, da descoberta de sobras interessantes. Os materiais são encontrados em fragmentos heterogêneos; a construção, feita com pedaços encontrados aqui e ali, é forçosamente fragmentada no aspecto formal. À medida que o abrigo vai evoluindo, os pedaços menores vão sendo substituídos por outros maiores, e o aspecto fragmentado da construção vai ficando cada vez menos evidente. O último estágio da evolução de um abrigo precário – a casa em alvenaria, sólida – já não é formalmente tão fragmentada, muito embora não deixe de ser fragmentária: a casa continua evoluindo. Os barracos são fragmentários porque se transformam

³ Hélio Oiticica, (Rio de Janeiro, 26 de julho de 1937 - Rio de Janeiro, 22 de março de 1980) foi um pintor, escultor, artista plástico e performático de aspirações anarquistas. É considerado por muitos um dos artistas mais revolucionários de seu tempo e sua obra experimental e inovadora é reconhecida internacionalmente. Neto de José Oiticica, anarquista, professor e filólogo brasileiro, autor do livro *O anarquismo ao alcance de todos* (1945). Em 1959, fundou o Grupo Neoconcreto, ao lado de artistas como Amilcar de Castro, Lygia Clark, Lygia Pape e Franz Weissmann. Na década de 1960, Hélio Oiticica criou o *Parangolé*, que ele chamava de “antiarte por excelência” e uma pintura viva e ambulante. O *Parangolé* é uma espécie de capa (ou bandeira, estandarte ou tenda) que só mostra plenamente seus tons, cores, formas, texturas e grafismos, e os materiais com que é executado (tecido, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, palha) a partir dos movimentos de alguém que o vista. Por isso, é considerado uma escultura móvel. Em 1965, foi expulso de uma mostra no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro por levar ao evento integrantes da Mangueira vestidos com parangolés. A experiência dos morros cariocas fazia parte da dimensão da sua obra. Foi também Hélio Oiticica que fez o penetrável *Tropicália*, que não só inspirou o nome, mas também ajudou a consolidar uma estética do movimento tropicalista na música brasileira, nos anos 1960 e 1970. Oiticica o chamava de “primeiríssima tentativa consciente de impor uma imagem “brasileira” ao contexto da vanguarda”. Os *penetráveis* têm como pré-requisito a incursão do visitante, ou seja, os ambientes coloridos só funcionam com a presença do espectador. Esses dados foram retirados “tal qual” de http://pt.wikipedia.org/wiki/H%C3%A9lio_Oiticica, Acesso em 03.07. 2010.

continuamente.⁴

Então, é mostrado pela autora que os abrigos numa favela e a própria favela são inacabadas. Essa estrutura fragmentária das favelas é diferente da imagem que se criou da arquitetura tradicional, pois nesta sempre foi forte a ideia do sólido e do fixo. Então, a temporalidade está fortemente presente nessa fragmentação, marcada por uma vontade (ligada à contemporaneidade) de transformar em migalhas, quebrar, dividir, ou seja, transformar em fragmento. A incompletude fragmentária está intimamente ligada a algo muito marcante na contemporaneidade: o efêmero.

A sociedade de consumo convida a refletir sobre a duração de objetos e de produtos, que tem vida cada vez mais efêmera. Mesmo com o desenvolvimento tecnológico, os objetos não mais são feitos para durar, e sim para serem consumidos o mais rápido possível. A durabilidade não interessa mais. O incompleto é, a partir daí, o efêmero. A efemeridade de uma forma, a longo prazo, é análoga a do ser vivo. A materialização de uma ruptura. A nostalgia de uma unidade que, talvez, jamais tenha acontecido e que continuará sem acontecer. O fragmento é, em geral, definido como pedaço de uma coisa que se quebrou, se partiu. A noção de tempo fica ausente.⁵

A partir das colocações da autora podemos ver que o fragmento possui uma ordem própria: “a ordem fragmentária” que está sempre em construção, portanto, inacabada. Nessa “ordem fragmentária”, vários tipos de bricolagens tornam-se possíveis, dependendo da inventividade dos vários sujeitos consumidores que não podem ser vistos como passivos, pois, se apropriam da “ordem fragmentária”, se utilizando de astúcias no cotidiano. Essas questões são inerentes à cultura urbana e nos fazem pensar a cidade, e não apenas a favela, para longe de esquemas simplificadores.

Na realidade, diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como ‘consumo’, que tem como característica suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas ‘piratarías’, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em suma, uma quase invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar?) mas por uma arte de utilizar aqueles que são impostos.⁶

Esse “esfarelamento” de que fala Michel de Certeau, tem íntima ligação com o “fragmento” de Paola Berestein, sendo que ambos que fazem parte das práticas urbanas, estas fortemente ligadas à cultura capitalista.

Outra parte interessante da obra de Paola Berestein é quando ela utiliza a figura conceitual “labirinto”. Diferentemente dos espaços urbanos planejados dos arquitetos e urbanistas, o espaço urbano espontâneo é labiríntico, de modo que nas favelas se faz fortemente presente um emaranhado de vielas e becos. A autora relaciona esse espaço labiríntico, principalmente com a

⁴ JACQUES, Paola Berestein. **Estética da ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 23-24.

⁵ JACQUES, Paola Berestein. **Estética da ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 200, p. 43.

⁶ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes do fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 94.

obra de Hélio Oiticica, intitulada “Tropicália”, sendo esta como já foi dito na nota de rodapé 4, um “penetrável”. Nesse penetrável “Tropicália”, o público poderia penetrar e se apropriar do espaço como achasse melhor, de modo que ao penetrar nesse “labirinto” o espectador-participante poderia ter a sensação de estar se perdendo para poder encontrar-se consigo mesmo. A autora associa esse labirinto com as favelas, sendo que o percurso das favelas se torna um labirinto para quem não está acostumado a transitar. Só se acostuma com os espaços labirínticos das favelas depois de certo tempo. Assim, o caminhar pelos seus becos e vielas está ligado a uma postura corporal diferente de caminhar por outros espaços mais sólidos, ou seja, está ligado a uma outra relação com o próprio corpo. Mônica Pimenta Velloso diz o seguinte sobre o corpo:

Conceituando o corpo com lugar de produção de objetos sociais, antropólogos e historiadores têm enfatizado a lógica que regula a eficácia simbólica dos comportamentos nas diferentes sociedades. Na perspectiva do historiador, interessa destacar as manifestações das diferenciações sociais contidas nos gestos, desfazendo-se a idéia de uma suposta ‘naturalidade’[...]. O gesto passa a ser compreendido como um subsistema (parole) escolhido pelos diferentes atores sociais, segundo comportamentos públicos e privados, dentro do repertório composto pelo sistema cultural mais amplo (langue). Cabe ao historiador indagar sobre os fundamentos sociais que presidem as linguagens do corpo, dos gestuais, dos comportamentos e das atitudes, sejam elas resultado de um processo de aprendizagem consciente ou não [...].⁷

O “labirinto” das favelas cria estranheza na pessoa que percorre quando não está acostumada ao percurso, certo que com um tempo é que a pessoa vai se acostumando a percorrer esse “labirinto”, e esta familiaridade com o percurso também cria novos gestos, novas formas de se relacionar com o próprio corpo. Muitos dos que já estão acostumados com esse “labirinto” tem uma maior facilidade de aprender a sambar, pois o samba exige uma certa ginga, assim como o caminhar por vielas e becos da favela. Paola Berestein não deixa de comentar essa interessante relação entre o samba e o caminhar pelas favelas. Paola, se referindo à complexidade do “labirinto” diz que:

A complexidade do labirinto é temporal; quem se perde é aquele que acaba de surgir, que desaparece tão depressa quanto surgiu. É o aspecto desconhecido do porvir que cria a estranheza; e o estranho é também o estrangeiro, o que nos é estranho, o que não dominamos, porque desconhecemos. Conhecer um labirinto exige nele penetrar, nele se perder, para descobrir as armadilhas do caminho. Em cada escolha a dúvida: ‘Pode ser que sim, pode ser que não’.⁸

Então, é caminhando pelo “labirinto” que se aprende a caminhar, de modo que isso exige tempo, sendo que podemos dizer que a temporalidade que faz parte da “complexidade do labirinto”

⁷ VELLOSO, Mônica Pimenta. **Triunfo às ondas do mar: linguagens e espaços urbanos no Rio de Janeiro**. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Bauru, SP: EDUSC 2004. p. 202.

⁸ JACQUES, Paola Berestein. **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p.86.

tem muito peso nessas questões. Podemos dizer que à medida que o labirinto vai sendo “conhecido”, quem conhece passa a se apropriar de forma diferente do espaço.

Quando a autora passa tratar da figura conceitual “rizoma”, ela enfatiza a “ideia de crescimento”, vinculada à formação de territórios urbanos. A autora diz o seguinte:

A partir da constatação simples de que o crescimento das favelas assemelha-se ao do mato que cresce nos terrenos baldios das cidades, examino os últimos trabalhos de Hélio Oiticica, em particular, Éden e Barracão, claramente marcados pelas propostas comunitárias (de territorialidade) do artista. Tento mostrar, teoricamente, com base no conceito de Rizoma, o que diferencia o processo de territorialização das ocupações naturais e ‘selvagens’ dos terrenos vagos, das organizações territoriais impostas e modelizadas por especialistas.⁹

A autora deixa sempre claro que o processo de ocupação das favelas não se dar de modo formal. O processo é heterogêneo, não se dar de modo vertical, sendo que o acaso está presente, pois as conexões no crescimento das favelas se operam na desordem, em um processo “rizomático”, em que há ausência de preocupação com a raiz. Enfim, uma multiplicidade de conexões vai acontecendo ligada ao crescimento das favelas.

Outro interessante trabalho para se pensar as práticas urbanas é o da cientista social Tereza Pires do Rio Caldeira, intitulado “A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos”¹⁰. A autora mostra de forma detalhada como era a vida dos moradores do bairro Jardim das Camélias, que fica situado na periferia de São Paulo. Ela consegue estabelecer relações entre as condições de vida dos moradores do bairro e suas representações sobre o poder, os políticos e os ricos. Então, não podemos deixar de ver a cidade como local onde as pessoas desenvolvem utopias de sociedade, refletem sobre sua própria situação, estabelecem culpados para a situação de pobreza em que vivem, no caso de serem pobres. São múltiplas as representações que são feitas pelos moradores da periferia, estas muitas vezes contraditórias. Mas, a autora sempre evita fazer considerações preconceituosas a respeito das opiniões dos moradores do bairro, valorizando as falas destes, fazendo um trabalho de campo “de fôlego” e dando uma grande contribuição para a pesquisa científica em torno das questões que envolvem moradores de bairros periféricos. Estes moradores possuem uma infra-estrutura precária, de modo que faltam muitos serviços básicos, o que influencia as representações dos moradores sobre a sua própria condição e sobre “os poderosos” vistos muitas vezes como pessoas que “só querem saber de si próprios” e não ligam para as condições dos pobres. A autora adentra as casas dos moradores em um contato próximo a estes, o que foi conseguido com paciência e profissionalismo. Graças ao seu esforço, muitos leitores podem ter contato com esse trabalho

⁹ JACQUES, Paola Berestein. **Estética da ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p.105.

¹⁰ CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

interessante que mostra também aspectos relacionados ao consumo das pessoas do bairro e as estratégias das famílias para conseguir melhorar o nível de vida dos membros no relacionamento com o mercado de trabalho.

A autora sabe distinguir, sem deixar de ver os detalhes, as experiências que ela considera que são “comuns” aos moradores do bairro e as experiências que ela considera uma “experiência diferenciada”. Sendo assim, ela vê “o urbano” como uma “experiência comum”, ou seja, ela vê que as péssimas condições de infra-estrutura atingem os moradores do Jardim das Camélias, de uma maneira que quem vive lá não pode escapar de sofrer com a precariedade dos serviços e da infra-estrutura. Assim, os moradores se unem muitas vezes reivindicando melhorias nos serviços e na infra-estrutura, de modo que algumas de suas reivindicações são atendidas. Existem no bairro organizações que lutam por uma vida com mais qualidade.

Se utilizando de muitos depoimentos, a autora consegue fazer as suas análises, sempre se atentando para os detalhes, demonstrando muita habilidade na utilização dos depoimentos, pois deixa claro para o leitor os pontos em comum nas entrevistas e os pontos em que há diferença nas opiniões dos entrevistados.

Já com relação ao mercado de trabalho, a autora coloca como sendo uma “experiência diferenciada”. Isso porque existem muitas diferenças de profissões e na forma como cada morador se insere no mercado de trabalho, levando ainda em consideração a diferença de sexo. As experiências no mercado de trabalho eram vividas de forma individual, no sentido de que cada um vivia de um jeito diferente a inserção no mercado de trabalho, de modo que estas dependiam do nível de renda, das condições de trabalho, do acesso ao trabalho, entre outros. Muitos valores eram transmitidos entre os membros de uma mesma família e entre famílias. Fazia parte desses valores a diferença de papéis exercidos pelo homem e pela mulher. Outra coisa que fez com que a autora classificasse a experiência do mercado de trabalho como uma “experiência diferenciada” era a diferença de idade. Sendo essas diferenças combinadas às de sexo. A unidade básica era família, pois o consumo era pensado para atender às necessidades básicas da família. Existiam famílias em que todos os seus membros tinham que trabalhar, outras em que apenas metade de seus membros trabalhava, outras em que apenas o chefe de família trabalhava. Portanto, as variações eram muitas. Quanto às mulheres, as famílias tentavam fazer com que elas ficassem cuidando do trabalho doméstico, porém, muitas vezes era grande a necessidade que a família tinha de colocar mais um membro no mercado de trabalho, o que fazia com que muitas vezes as crianças ficassem durante o dia sem ter quem cuidasse delas. Todas essas questões eram consideradas com relação à entrada ou não de mais um membro no mercado de trabalho. Muitas variantes existiam, sendo que não se pode esquecer que os trabalhadores com alguma especialização tinham mais possibilidades de se inserirem no mercado de trabalho, tendo também maiores possibilidades de conseguirem obter um

ganho um pouco maior do que aquele semi-especializado ou sem nenhuma especialização.

Então, levando em consideração essas questões, no que diz respeito às “estratégias de sobrevivência”, a autora coloca estas como sendo uma “experiência compartilhada”. Porque embora os trabalhadores vivessem individualmente a sua experiência no mercado de trabalho, as formas de sobrevivência eram pensadas e organizadas em níveis de grupo. Ou melhor, a organização se dava entre o grupo doméstico. Era assim que se organizava a reprodução do trabalhador.

Com relação ao consumo, esse era visto pela autora como sendo uma “experiência comum”. As dificuldades financeiras não permitiam que o nível de consumo fosse alto entre os moradores do bairro. Se as formas de sobrevivência eram organizadas em nível doméstico, então, o consumo deveria beneficiar a todos. Mas, esse consumo não era apenas pensado e organizado levando em conta apenas a sobrevivência, pois, questões culturais transmitidas de várias formas também interferiam na escolha do que devia ser consumido. Projetos de vida também interferiam, sendo que a autora procura deixar claro que as coisas não se dão de forma simples e nenhum esquema simplificador daria conta da realidade. As pessoas tinham seus sonhos individuais, implicando isso que não é porque a experiência se dava de forma comum que a individualidade não estivesse presente.

A autora não deixou de ver que existiam diferentes temporalidades presentes no cotidiano dos moradores do Jardim das Carmélias. Muitas vezes, entrava em conflito uma noção de tempo mais ligada ao tempo linear e outra mais voltada para as tarefas, ligado à divisão por tarefas.

Com relação às formas de os moradores enxergarem os “poderosos” e o “poder”, a autora na análise dessas questões tenta não simplificar, nem ver com preconceito as reflexões feitas pelos entrevistados. Nota-se que estes pensavam sobre a sociedade em que viviam, atribuíam culpa a situação de pobres, normalmente ao governo e aos ricos, muitas vezes vistos como se fizessem sempre alianças. Mas, a autora nota a diferença de formas através das quais os entrevistados usavam as palavras “pobre”, “rico”, sendo diferente também a forma de pensar a atuação dos governos e de pensar também a solução para a situação em que os pobres viviam.

Mas, a autora divide os entrevistados em dois grupos, sendo que um teve uma atuação política mais forte no período anterior ao golpe militar, chamado de “redemocratização” o que fez com que suas memórias e a forma de pensar a função do estado fosse diferente dos que não tiveram uma atuação política ativa nesse período. Uma noção de cidadania bem formulada fazia parte das opiniões do grupo que atuou fortemente no referido período. A autora demonstra isso com clareza.

O trabalho da antropóloga Alba Zaluar, intitulado “A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza”¹¹ é outro trabalho que exigiu muito fôlego por parte da

¹¹ ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo :

pesquisadora. Esta analisa de forma diversificada a vida dos moradores do conjunto habitacional “Cidade de Deus”, considerado por muitos como muito perigoso, e realmente a violência urbana estava fortemente presente ali. Então, tentar entender as formas de vida de moradores desse conjunto habitacional, incluindo o lazer, as crenças religiosas, o trabalho, a família, formas de pensar sobre a pobreza se constituía em um grande desafio para a pesquisadora Alba Zaluar, inclusive no que diz respeito a andar por Cidade de Deus sem sofrer violência e se diminuindo os riscos. Nesse sentido, a autora confessa o receio que teve. Mas, a ajuda de algumas pessoas foi de fundamental importância fazendo com que esse obstáculo fosse superado. Mas, também existia a dificuldade na abordagem aos moradores do conjunto habitacional, pois estes a viam como uma estranha, que não pertencia ao meio em que eles viviam, sendo que as imagens que tinham em relação a ela eram variadas, mas não favoreciam o diálogo, a troca de ideias, e a possibilidade de uma boa entrevista com o gravador. Mas, aos poucos Alba Zaluar foi conseguindo seu objetivo com persistência, com muito tato. A confiança começou a ser conquistada, o que favorecia e muito o trabalho de campo da antropóloga. Mas, mesmo ganhando a confiança de muitos moradores de Cidade de Deus, ainda havia algumas dificuldades que Alba enfrentava, pois, como muitos a enxergavam como pertencendo à outra classe, alguns cobravam ajuda para as organizações populares, coisa que espantava a pesquisadora. Mas, isso também mostra a luta de muitos no conjunto habitacional, para conseguir apoio para as suas organizações.

Alba foi desvendando aspectos relacionados aos moradores, como por exemplo, o que possibilitava que muitos seguissem o caminho do crime e outros optassem pelo caminho do trabalho. A autora percebeu, então, que, por exemplo, era muito forte entre muitos jovens a “revolta” para com a situação de quem trabalha muito durante a semana para melhorar de vida e acaba finado com pouco lazer. Então, a “revolta para com essa situação fazia com que muitos preferissem seguir um caminho que muitas vezes estava ligado ao tráfico de drogas. Mas, a média de vida de quem entrava no mundo do tráfico, era pequena.

Cidade de Deus surgiu ligada à política do governo federal no período da ditadura de remoção de favelas, fazendo com que muitos moradores chegassem a Cidade de Deus sentindo falta das formas de sociabilidade de onde moravam. Mas, logo estes foram criando formas de sociabilidade dentro do conjunto que recebeu gente de variados locais. Logo, sentimentos de pertencimentos foram sendo criados. Mas, o estigma de morar em um local bastante violento e conhecido da mídia era muito forte, o que muitas vezes contribuía para aumentar ainda mais a revolta de muitos que preferiam embarcar no mundo do crime. Outros já não se deixavam levar por outros caminhos, que não fosse o do sacrifício.

Brasiliense, 1994.

Com relação aos crimes aí praticados estes eram vistos de diferentes formas dependendo das “regras” que estavam implícitas no local. A lógica com que grande parte da população de Cidade de Deus julgava os crimes era diferente da lógica da justiça oficial. Ligado a este tipo de julgamento estava a questão da “moral”, principalmente a “moral masculina”, segundo a qual quando existia um desrespeito para com um homem, este tinha motivos para reagir. Ligado a estas questões também estava presente a divisão de territórios entre bandidos. Estes disputavam territórios entre si.

Outra coisa que chamou a atenção da pesquisadora foi o fato de certos bandidos obterem o respeito da população, servindo inclusive para proteger cidadãos, fazer uma certa “justiça” que não era a mesma da justiça oficial. Então, muitos bandidos eram mais bem vistos do que os policiais, pois muitos destes se corrompiam.

A pesquisadora presenciou várias reuniões das organizações populares, fazendo um interessante trabalho de campo, prestando atenção em cada detalhe, nas fofocas, nas formas das organizações conseguirem recursos financeiros para continuarem em ação. Marcante era a presença de organizações ligadas ao carnaval, que concorriam entre si, assim, como os times de futebol amador que também concorriam entre si. Associações de moradores também existiam no conjunto, não escapando do olhar atento da pesquisadora que registrava muitos aspectos que observava.

Muitas vezes os materiais tecnológicos de Alba Zaluar chamava a atenção das pessoas que ficavam admiradas. Muitas fotografias eram tiradas, sendo que Alba não deixava de perceber as diferentes reações das pessoas. A pesquisadora realmente tinha muita intimidade com as pessoas que mesmo assim, ainda continuaram a enxergá-la como não pertencendo a realidade deles, apesar de essa ter conquistado a simpatia.

Uma coisa muito questionada pela pesquisadora foi a forma simplista com que muitos estudos trataram as relações dos trabalhadores pobres com o mundo a sua volta, com as questões que os afligiam, as relações destes com os políticos. A autora mostrou constantemente que as formas de os moradores se relacionarem com os políticos a fim de ganhar benefícios eram formas de barganha, ligadas ao clientelismo, mas, diferente de características do coronelismo. Ou seja, ela via que os moradores se organizavam com base em experiências passadas, não sendo, portanto, alienados, mas refletindo constantemente sobre as diferentes situações. Assim, conseguiam obter recursos e vários tipos para os seus interesses, estabelecendo trocas e muitas vezes, ao contrário do que disseram estudos simplificadores, refletiam sobre o direito, sobre o fato de eles terem direito a benefícios ligados aos governos, quando alguns políticos queriam passar uma visão de que estavam coisas que deveriam deixar os moradores sob seu controle.

Nos trabalhos tratados aqui, foram feitas pelos seus autores reflexões que nos fazem pensar na complexidade das questões que envolvem o espaço urbano, as práticas urbanas e a cultura

capitalista. Os autores, cada um a sua maneira, se manifestaram contra visões reducionistas que não veem o “caleidoscópio” que existe por trás das práticas dos sujeitos que sempre estão mostrando a sua imensa criatividade, refletindo sobre sua própria condição diante de situações que envolvem as práticas urbanas. É grande a inventividade dos vários sujeitos analisados pelos autores e este artigo espera, com humildade, ter deixado isso claro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FREITAS, Antônio de Pádua Santiago de. **Práticas urbanas no processo civilizador capitalista.** 2010.

JACQUES, Paola Berestein. **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Triunfo às ondas do mar: linguagens e espaços urbanos no Rio de Janeiro. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural.** Bauru, SP: EDUSC 2004.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.** São Paulo : Brasiliense, 1994.